



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



# **10**

## *Discurso na cerimônia de assinatura de medida provisória sobre fundos constitucionais*

**TRIUNFO, RS, 28 DE JANEIRO DE 2000**

*Senhor Governador do Estado do Rio Grande Sul, Olívio Dutra; Senhores ex-Governadores Amaral de Sousa e meu amigo Antônio Britto; Senhores Ministros, aqui presentes, tão numerosos; Parlamentares dos vários níveis, Senadores, Deputados Federais, Estaduais, Vereadores; Senhor Presidente da Copesul, Luís Fernando Cirne Lima; Senhor Presidente do Conselho de Administração da Copesul, Doutor Eduardo Eugênio Gouveia Vieira; Senhores Prefeitos da região; Doutor Emílio Odebrecht; Senhores Empresários; Senhoras e Senhores,*

Agradeço as palavras do Doutor Gouveia Vieira, de que vim aqui para testemunhar uma realização. É verdade.

Há quatro anos estivemos aqui, na companhia do Governador Britto, que era o governador na época, de vários ministros, dos mesmos empresários, da Petrobras e do BNDES para lançar essa iniciativa, que era a duplicação do Pólo Petroquímico. Naturalmente, quando se lança um empreendimento dessa magnitude, em que os capitais – no caso, nacionais – assumem um risco maior, em que o BNDES cumpre sua tarefa de estimulador dos bons empreendimen-

tos, é um momento também de alegria, mas há sempre uma certa dúvida: será que é?

Hoje, ao sobrevoar de helicóptero, ao lado do Governador Olívio Dutra, as realizações aqui neste pólo, me deu imensa alegria. Alegria de ver que aquele sonho de então é uma realidade. E uma realidade – até diria uma expressão que não se adapta normalmente às atividades industriais – de certo encanto, de certa beleza porque se vendo de cima parece um carrossel. Parece que estamos não diria na Disneylândia porque seria, talvez, exagero, mas num parque de diversões, tal o gosto, a partir do colorido dos tanques. Depois, vim a saber que foi uma contribuição pessoal do Doutor Cirne Lima, no sentido de amenizar o choque que pode introduzir no visual a cor branca, muito reluzente, e que isso também faz parte do meio ambiente.

Ao entrar aqui, vi um caminhãozinho que detecta as condições de meio ambiente o tempo todo. Que diferença entre um empreendimento dessa envergadura, e com essas características, daquelas velhas fábricas que percorri, tantas vezes, como sociólogo, lá pelos anos 50, até mesmo no fim de 40 – a idade vai chegando – por São Paulo, onde hoje são bairros de classe média, às vezes até de classe média alta. Naquela época, eram bairros industriais em que, praticamente, ao se ver uma indústria, se tinha a sensação de “Meu Deus, não vou entrar aí que deve ser um calor danado”, porque não existem condições de sanidade, porque o trabalho é penoso. Quantas vezes, vi nas calçadas, na hora do intervalo de trabalho, as pessoas, os operários – naquele tempo havia pouquíssimas, se é que havia, operárias – sentados na calçada comendo sua marmita, muitas vezes sequer requentada.

Hoje é um outro Brasil. É um Brasil que custou sacrifício, custou empenho, custou luta. Luta de empresários, luta de trabalhadores. Custou adaptações, custou governos que tomassem consciência das questões, custou uma sociedade que passasse a participar mais ativamente até se chegar à possibilidade de vir aqui, Governador, inaugurar a duplicação deste pólo, que é marcante no desenvolvimento da petroquímica brasileira. Creio que hoje recupera até mesmo a posi-

ção deste pólo diante dos outros pólos petroquímicos de vanguarda, no Brasil, em termos de produção, em termos de produtividade. E onde se vê, não apenas como descrevi, assim um pouco improvisadamente, um ambiente alegre, mas se vê também que há responsabilidade social. O gesto simbólico de entregar, aqui, à Santa Casa de Porto Alegre, um recurso inicial para que ela possa realizar o sonho de ter um hospital de transplantes mostra essa responsabilidade. Assim como mostra essa responsabilidade a consciência que têm que ter todos os empresários de que é preciso lutar no conjunto da sociedade para que ela possa ter condições de vida melhores.

Não foi outra coisa o que disse o Governador Olívio Dutra, ao dizer que, e nesse ponto o Brasil inteiro coincide, que o nosso desafio, hoje, é combater a desigualdade. O nosso desafio hoje é efetivamente fazer com que haja solidariedade. Talvez o caminho mais eficaz e mais rápido para garantir uma melhor distribuição de renda seja, efetivamente, a educação. Portanto, a solidariedade com todas as formas de combate ao analfabetismo é fundamental para que tenhamos uma sociedade mais democrática e com melhores condições de vida.

Essa compreensão – a despeito de tudo, em dia de festa não se sublinham as diferenças – que se aproxima de uma consciência comum é muito importante. Consciência comum de que, sem desenvolvimento industrial, um país do porte do Brasil não pode ir para a frente. Consciência comum de que, sem que haja *players* brasileiros à frente de alguns desses desenvolvimentos, também não se vai para a frente. Que se enraíze na sociedade e se faça aquilo que foi uma expressão do Governador, e que é uma velha teoria de um grande amigo meu, Albert Hirschman, que era “*link forward and backward*”, elos de desenvolvimento para a frente e para trás. É a mesma coisa. É a teoria moderna do desenvolvimento: é elo de desenvolvimento para a frente e para trás. Quando um empreendimento não se enraíza, não provoca o desenvolvimento, seja ele nacional ou estrangeiro – porque, aí, dá no mesmo –, ele simplesmente explora e não deixa nada para a sociedade. Não é a questão da origem do capital. É de como esse capital é realmente controlado pela sociedade. Estamos,

crescentemente, com as agências reguladoras, às quais já fez referência Eduardo Eugênio, aumentando a capacidade que tem a sociedade brasileira de controlar os investimentos, não apenas para que eles sejam produtivos, mas para que eles sejam construtivos, construtores de uma nova sociedade.

Essa nova sociedade, que tem que ser solidária, não pode ser pensada também apenas como uma sociedade da indústria. Ela é dos serviços, crescentemente. O Brasil, hoje, está se esforçando para entrar na Internet II. Lançamos o Programa Sociedade da Informática porque, se não nos integrarmos à Internet II, nos desintegraremos. Não estamos mais em um momento em que possa haver uma escolha: ficamos para um lado e deixamos o mundo para o outro. Não. Isso acabou. Temos que saber de que modo vamos entrar nesse mundo, para que não sejamos prejudicados e possamos afirmar os nossos interesses nacionais, integrando-nos com capacidade de competir, de decidir, pela nossa própria cabeça, os destinos do nosso povo, mas assumindo a responsabilidade, cujo primeiro passo nesse sentido é a competência educacional, tecnológica, a nossa capacidade, portanto – volto ao tema –, de integrar-nos a essa sociedade da informação. E, por isso, estamos avançando na Internet II.

De que adiantaria um país que avança na Internet II, um país que, hoje, tem uma base científica e tecnológica que tem que ser aperfeiçoada, mas talvez – eu sublinho talvez – só a Índia, de todos os países que não sejam os países ricos, tem um sistema de ciência e tecnologia do porte do brasileiro – e é preciso também valorizar isso, para que não sejamos sempre arrastados por ondas de pessimismo, que, basicamente, derivam da desinformação. Temos um sistema científico e tecnológico que permitiu esse desenvolvimento. Este conjunto aqui é feito por engenheiros brasileiros. Provavelmente, quase todos eles, se não foram formados aqui, quando estudaram lá fora, o fizeram com bolsas dadas pelo CNPq ou dadas por alguma outra instituição científica brasileira que apoiou a possibilidade de os nossos engenheiros terem, hoje, a capacidade que têm de fazer construções por conta própria.

Claro que temos, portanto, que nos integrar, defendendo nessa integração o nosso ponto de vista, o interesse nosso, o interesse do

nosso povo. Aqui, no Rio Grande do Sul, essa integração é vital por causa do Mercosul. Já o disse o Governador: é privilegiada, por causa da localização no Mercosul, em uma região que fica entre o grande pólo consumidor do Brasil, que é o Sudeste, e o Mercosul.

Agora, também é verdade que, se simplesmente olharmos para esses processos integradores, se simplesmente saudarmos, como hoje estamos saudando aqui, com muita alegria, este empreendimento, se não olharmos o conjunto dos elos que são estabelecidos e se não virmos também que uma boa parte da nossa população não está nesse processo de desenvolvimento tecnológico e industrial, não está sequer no processo de integração pela via dos serviços, vivendo ainda fortemente na agricultura ou fortemente em setores de atividade que não requerem sequer o grau de desenvolvimento tecnológico que este aqui requer, teremos uma visão parcial e não chegaremos a uma sociedade mais igualitária, nem mais democrática.

Daí porque, no meu governo, criei – repito: criei – um programa pelo qual tenho um grande entusiasmo, que se chama Pronaf–Programa Nacional de Agricultura Familiar, que é para dar recursos para as famílias assentadas, para as famílias do campo. Não havia um tostão para isso. Hoje, me orgulho de dizer que são 3 bilhões e 400 milhões de reais, a juros negativos, para dar condições para que o produtor possa continuar produzindo. Também tenho a satisfação de dizer que, desses recursos, o Rio Grande do Sul é o estado que, proporcionalmente, mais tem tido a possibilidade de utilizá-los. Tenho certeza de que os estará utilizando bem.

Então, esta visão, hoje, é comum a todos nós, Governador. A todos nós, brasileiros e brasileiras, na sua bela expressão “cidadãos e cidadãs”, quase ao modo da Revolução Francesa, que é bonito. Essa compreensão de todos nós, hoje, é comum. Concordo também com o Governador: só avançaremos se empresariado, sindicatos de trabalhadores, agentes comunitários, o Governo Federal, o governo estadual, o governo municipal se derem as mãos. Dar-se as mãos não quer dizer que não tenhamos nossas diferenças, mas quer dizer que temos objetivos comuns de melhorar o Brasil, os brasileiros, e dar mais autonomia a esse grande povo, a essa grande nação.

É por isso que venho aqui, realmente com muita satisfação, para esta duplicação deste pólo, cumprimentar os dirigentes na pessoa de Luiz Fernando Cirne Lima, que, realmente, é um extraordinário homem. É um diplomata, é um homem de empresa, é um cidadão, é um homem de grandes qualidades humanas. Quero dizer também que, ao agradecer as palavras do Governador, tão generosas no sentido de me receber, de me acolher – e vou aceitar o convite dele e voltarei muitas vezes ao Rio Grande do Sul – ao dizer isso, também quero agradecer as palavras do Doutor Eduardo Eugênio, com a sua visão, não diria nem otimista, mas de um realismo confiante de que temos um grande país, um grande povo e que passamos por dificuldades imensas, mas superamos todas elas, com calma e, sobretudo – sublinho aqui –, na democracia. Na democracia, com liberdade, com respeito à diversidade de opiniões. Mas conseguimos convergir para os nossos objetivos e o principal será impedir a volta da inflação, que, realmente, devastaria uma vez mais os recursos já parcos da população mais pobre, do setor mais pobre da população brasileira.

Compartilho, portanto, desta visão de que nunca nos esquecemos – e quantas vezes conversei com o Governador Britto sobre isso? – do grande desafio que nós, brasileiros, temos no Rio Grande do Sul. Não são só os gaúchos. Alguns desses foram aqui mencionados. O Rio Grande, em certo momento, parecia perder velocidade no seu processo de crescimento econômico. E até mesmo os excelentes graus de qualidade de vida alcançados por setores já, mais ou menos, amplos da população, podiam ser ameaçados. Era preciso retomar isso. Esta retomada precisava de uma visão clara. Visão clara significava – e o governador mencionou os pólos – um pólo petroquímico, um pólo metal-mecânico, com as fábricas de automóveis e tudo que vem em volta, um pólo moveleiro, uma atividade de agrobusiness bastante ativa no Rio Grande do Sul. São atividades fundamentais. Para isso, é preciso que haja também um esforço de todos os governos na direção de evitar aquilo que mencionou Doutor Eduardo Eugênio, ou seja, que o ganho de produtividade dentro da fábrica se perca fora da fábrica.

Por isso, para que este Pólo funcionasse, tivemos que fazer, Ministro Padilha, a duplicação da BR-386. Eu disse que faria e fiz. Ela está aí. Por isso, para que o futuro possa continuar com um horizonte de otimismo, foi que fizemos as transformações no porto do Rio Grande. Virei a Rio Grande para mostrar ao Brasil que recuperamos o seu porto, para o Rio Grande do Sul e para o Brasil. Foi por isso que fizemos estradas, como a estrada de que tantas vezes ouvi reclamação, lá, para o lado de Uruguaiana, a BR-472, que necessitava de duplicação. Foi por isso que trouxemos gás da Argentina, para termos uma geração de energia lá em Uruguaiana também. Foi por isso que retomei todas as obras que estavam paralisadas no Rio Grande do Sul para a geração de energia. Algumas, há décadas. Como brasileiro, como Presidente do Brasil e como alguém que conhece o Rio Grande do Sul bastante bem, porque aqui fiz meus primeiros trabalhos como sociólogo, há muitos anos, me empenhei sempre em não me esquecer que é fundamental fazer com que o Rio Grande do Sul tenha o orgulho de ser o que ele é: um grande estado desta Federação. Quando, e quantas vezes, me falaram da metade sul do Rio Grande do Sul, encontraram em mim sensibilidade.

Agora, fico feliz de ver que aqui, em Pelotas, o que já me parecia a mim mesmo, Deputado Adolfo Antônio Fetter Júnior, algo quase perdido, ex-Governador Britto, Governador Olívio, que era a recuperação da sua indústria de frutas e daqueles doces de que tanto gosto e que fazem minha barriga crescer sem cessar, agora, tenho a satisfação de ver que, novamente, lá em Pelotas, o pêssego volta a ter uma produção imensa. E vamos voltar a recuperar a produção desta região da metade sul do Rio Grande do Sul.

Não é que tudo esteja feito. Não é que tudo esteja bom. Não é que tudo esteja uma maravilha. Mas, com esse espírito, inspirado pela capacidade empreendedora de gente que aqui está – Emílio Odebrecht, Eduardo Eugênio, a Petrobras, o BNDES –, com o apoio governamental, com a competência técnica dos que aqui trabalham, com a dedicação dos colaboradores, dos funcionários desta empresa e, sobretudo, com esta visão que cresce no Brasil de um Brasil que é mais afirmativo, que crê mais em si e que é capaz de, nos momentos

necessários, dar as mãos uns aos outros, volto para Brasília com mais confiança ainda no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Aperto as mãos do Governador. Apertando-as, aperto as de todos os gaúchos.